
MARIA ARAGÃO E A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS MARXISTAS NO MARANHÃO ENTRE 1945 E 1955

MARIA ARAGÃO Y LA CIRCULACIÓN DE LAS IDEAS MARXISTAS EN
MARANHÃO ENTRE 1945 Y 1955

MARIA ARAGÃO AND THE CIRCULATION OF MARXIST IDEAS IN
MARANHÃO BETWEEN 1945 AND 1955

Pedro Henrique Fernandes Leite¹

<https://orcid.org/0000-0002-5257-8846>
<http://lattes.cnpq.br/818116081641121>

Bráulio Roberto de Castro Loureiro²

<https://orcid.org/0000-0002-3275-1066>
<http://lattes.cnpq.br/3264800671721337>

RESUMO: O artigo aborda os primeiros dez anos da trajetória política de Maria José Camargo Aragão (1910-1991) junto ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), buscando enxergá-la como parte integrante da história da circulação das ideias marxistas no Maranhão e no Brasil. Partindo de perspectivas históricas para análise do pensamento político, como o materialismo histórico, o contextualismo linguístico e as metáforas da circulação, recepção e tradução das ideias, recorre-se à pesquisa documental e à pesquisa bibliográfica. Maria Aragão, maranhense, negra, de origem da classe trabalhadora, professora e médica, filiou-se ao PCB em 1945, quando residia no Rio de Janeiro. Naquele ano, quando a direção nacional do PCB julgou necessária a reorganização partidária no Maranhão, Aragão propôs seu nome e encaminhou-se voluntariamente ao estado, tornando-se a dirigente responsável pelo setor de agitação e propaganda. No âmbito das tarefas partidárias, fundou, em 1945, o jornal *Tribuna do Povo* (1945-1962), órgão de imprensa do PCB no Maranhão, à frente do qual atuou como diretora, secretária, repórter e principal redatora e vendedora. Neste período, além de revendedora dos jornais *Voz Operária*, *Imprensa Popular*, da *Revista Problemas* e de representante da *Editora Vitória*, protagonizou outra tarefa de relevo: as atividades ininterruptas de busca por recursos materiais, cruciais para a continuidade das atividades partidárias. Sua atuação militante incluiu, via de regra, um permanente contato com os trabalhadores, da cidade e do campo, na capital e no interior maranhense. Isto posto, ao integrar de maneira protagonista as atividades fundamentais do PCB no Maranhão, apropriando-se de suas teses, de matriz terceiro-internacionalista,

¹ Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela Universidade Estadual do Maranhão, Brasil. Membro do Núcleo de Estudos em História e Pensamento Político Brasileiro (NEHPPOL/UEMA). E-mail: pedro.fernandeslt@gmail.com.

² Professor Adjunto III do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (DCS/UEMA). Doutor em Ciência Política (UNICAMP). Email: cpol.brl@gmail.com.

seguindo as orientações traçadas nas resoluções partidárias e buscando aplicá-las na realidade local, identificamos Aragão como uma agente central nos processos de recepção, apropriação e difusão das ideias marxistas no Maranhão entre 1945 e 1955.

Palavras-Chave: Maria Aragão; Partido Comunista Brasileiro; pensamento político brasileiro; marxismo; história das ideias.

RESUMEN: El artículo aborda los primeros diez años de la trayectoria política de Maria José Camargo Aragão (1910-1991) en el Partido Comunista de Brasil (PCB), buscándola como parte integrante de la historia de la circulación de las ideas marxistas en Maranhão y en Brasil. Partiendo de perspectivas históricas para el análisis del pensamiento político, como el materialismo histórico, el contextualismo lingüístico y las metáforas de circulación, recepción y traducción de ideas, se recurre a la investigación documental y bibliográfica. Maria Aragão, maranhense, negra, de origen de clase trabajadora, profesora y médica, se afilió al PCB en 1945, mientras residía en Río de Janeiro. En ese año, cuando la dirección nacional del PCB consideró necesaria la reorganización partidaria en Maranhão, Aragão propuso su nombre y se dirigió voluntariamente al estado, convirtiéndose en la dirigente responsable del sector de agitación y propaganda. En el marco de las tareas partidarias, fundó en 1945 el periódico *Tribuna do Povo* (1945-1962), órgano de prensa del PCB en Maranhão, donde actuó como directora, secretaria, reportera, principal redactora y vendedora. Durante este período, además de distribuir los periódicos *Voz Operária*, *Imprensa Popular*, la revista *Revista Problemas* y representar a la *Editora Vitória*, asumió otra tarea de importancia central: las actividades ininterrumpidas de búsqueda de recursos materiales, esenciales para la continuidad de las actividades partidarias. Su actuación militante incluyó, por regla general, un contacto permanente con los trabajadores, tanto de la ciudad como del campo, en la capital y en el interior de Maranhão. Así, al integrar de manera destacada y decisiva todas las actividades fundamentales del PCB en Maranhão, apropiándose de sus tesis de matriz tercer-internacionalista, siguiendo las orientaciones trazadas en las resoluciones partidarias y buscando aplicarlas a la realidad local, identificamos a Aragão como una agente central en los procesos de recepción, apropiación y difusión de las ideas marxistas en Maranhão entre 1945 y 1955.

Palabras-Clave: Maria Aragão; Partido Comunista Brasileño; pensamiento político brasileño; marxismo; historia e las ideas.

ABSTRACT: The article addresses the first ten years of Maria José Camargo Aragão's (1910-1991) political trajectory within the Communist Party of Brazil (PCB), aiming to view her as an integral part of the history of the circulation of Marxist ideas in Maranhão and Brazil. Drawing on historical perspectives for analyzing political thought, such as historical materialism, linguistic contextualism, and the metaphors of circulation, reception and translation of ideas, the study utilizes documental and bibliographic research. Maria Aragão, a Black woman from Maranhão, of working-class origin, a teacher, and a physician, joined the PCB in 1945 while residing in Rio de Janeiro. That same year, when the PCB's national leadership deemed the reorganization of the party in Maranhão

necessary, Aragão proposed herself and voluntarily relocated to the state, becoming the leader responsible for the agitation and propaganda sector. As part of her party duties, in 1945, she founded the newspaper *Tribuna do Povo* (1945–1962), the PCB's press organ in Maranhão, where she served as director, secretary, reporter, chief editor, and seller. During this period, in addition to distributing newspapers such as *Voz Operária and Imprensa Popular*, the journal *Revista Problemas*, and representing *Editora Vitória*, she took on another crucial task: the continuous search for material resources essential to maintaining the party's activities. Her militant efforts generally involved constant engagement with workers in both urban and rural areas, in the capital and the interior of Maranhão. By playing a prominent and decisive role in all fundamental activities of the PCB in Maranhão, embracing the Third Internationalist theses, following the guidelines outlined in the party's resolutions, and striving to adapt them to the local reality, Aragão is identified as a central agent in the processes of reception, appropriation, and dissemination of marxist ideas in Maranhão between 1945 and 1955.

Keywords: Maria Aragão; Brazilian Communist Party; brazilian political thought; marxism; history of ideas.

INTRODUÇÃO

A história do marxismo no Brasil, de sua circulação, tendências e usos, polivalente e multifacetada como é, constitui campo sempre fecundo a novas investigações. Em termos de passado, entre os “capítulos” que compõem a trajetória destas ideias no país, são ainda muitos os quase inteiramente desconhecidos do público mais amplo. Um destes capítulos é o da história das ideias marxistas no Maranhão, na qual encontra-se inserida a trajetória política de Maria Aragão como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Maranhense, negra, de origem da classe trabalhadora, professora e médica, Aragão entrou no PCB no ano de 1945, integrando as fileiras do partido até a década de 1980. Entre 1945 e 1955, período que remete aos dez primeiros anos de sua militância pecebista, Aragão desempenhou grande variedade de atividades políticas, ocupando posição de protagonismo intrapartidário e de destaque no meio político e social maranhense. Sua atuação política ao lado dos trabalhadores, o destaque obtido dentro e fora do PCB como principal liderança comunista no Maranhão, seus posicionamentos disruptivos à ordem estabelecida, o fato de ser mulher e mãe solo, a tornaram o alvo principal da “reação”.

Pelas hostes da igreja, alguns padres dirigiram violenta campanha difamatória contra Aragão, que foi desacreditada enquanto médica e chamada de “prostituta”, acusada de ter pacto com o demônio e de ser uma “besta-fera” que “espalhava veneno” através dos jornais

do partido. Por ser comunista, foi presa cinco vezes, a primeira ainda em 1951, em pleno regime democrático; as outras quatro durante a ditadura civil-militar (1964-1985), quando, aos 63 anos de idade, foi brutalmente torturada. À revelia de muitas dificuldades, Aragão demonstrou, acima de tudo, um profundo compromisso ético-político com as classes subalternas maranhenses, brasileiras e mundiais, seguindo em atividade política até a data de seu falecimento, em 1991.

A despeito, porém, da significativa literatura que a tomou como objeto de estudo, em áreas e partindo de abordagens, objetivos e gêneros textuais variados, sua trajetória ainda não foi analisada a partir de referenciais teórico-metodológicos que têm demonstrado fecundidade nos estudos sobre o pensamento político, a história das ideias e a história intelectual, a saber: o contextualismo linguístico e as metáforas ou abordagens da circulação, da recepção e da tradução das ideias. Fruto do recorte de uma pesquisa de mestrado³, é examinando mais à fundo a relação entre Aragão e o PCB e investigando o papel desempenhado por essa liderança pecebista na circulação das ideias marxistas no Maranhão que este artigo pretende ofertar novos elementos da trajetória de Aragão, tomando-a como parte integrante e decisiva na história destas ideias no estado e no Brasil.

Nosso argumento sustenta que ao integrar de maneira protagonista e decisiva das atividades fundamentais do PCB no Maranhão, apropriando-se das teses e das orientações traçadas nas resoluções do partido, buscando aplicá-las na realidade maranhense, Maria Aragão teria se constituído como uma agente central nos processos de recepção, apropriação e difusão das ideias marxistas no Maranhão entre 1945 e 1955.

Apresentadas as lacunas, objetivos e argumento, acrescentamos que o percurso de exposição deste artigo divide-se em três momentos. No primeiro, debruçamo-nos sobre as principais abordagens utilizadas como base metodológica para a reflexão proposta. Em seguida, descrevemos alguns aspectos da trajetória política de Aragão entre 1945 e 1955, indicando ainda alguns elementos de continuidade de sua atuação política até o ano 1961, período que demarca, no todo, sua primeira passagem militante pelo PCB no Maranhão. E, por fim, fazemos algumas considerações finais e sugestões para pesquisas futuras.

³ Este artigo reúne parte dos resultados a que chegamos em pesquisa de mestrado intitulada *A Tribuna do Povo, Maria Aragão e o PCB: recepção e difusão das ideias comunistas no Maranhão entre 1945 e 1955*, realizada e defendida no curso de Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da Universidade Estadual do Maranhão no ano de 2024.

CIRCULAÇÃO, RECEPÇÃO E TRADUÇÃO DAS IDEIAS: METÁFORAS PARA UMA ANÁLISE

Em termos metodológicos, no campo de estudo da história das ideias políticas, para pensar os processos de exportação-importação de ideias em escala internacional, duas metáforas ou abordagens têm se mostrado bastante proveitosas: a da *circulação* e a da *tradução* das ideias. As duas abordagens têm sido empregadas analiticamente para nomear e examinar processos diferentes, muito embora possam ser utilizadas de maneira complementar (Bianchi, 2016; Bianchi; Góes, 2023). Ambas nomeiam processos regidos por relações de força, hierarquias e interesses, cuja materialidade determina “[...] o que pode e o que não pode circular, o que deve e o que não deve ser traduzido, a direção na qual esses processos ocorrem. E são estas relações de força também que determinam as formas que estes processos assumem” (Bianchi, 2016, p. 15).

A abordagem da *circulação* refere-se aos processos de “[...] transferência ou migração de ideias de um contexto para o outro” (Bianchi, 2016, p. 3), geográfico e/ou temporal, nomeando os caminhos percorridos entre a produção, a difusão e a *recepção* de um texto ou corpo de ideias para outro contexto que não é o seu originário. Assim, este primeiro enfoque “[...] permite dimensionar os processos de difusão e intercâmbio de ideias entre diferentes contextos nacionais”, mas “[...] mostra-se mais limitado quando se trata da produção de novos significados e sentidos constitutivos desses processos” (Bianchi, Góes, 2023, p. 218).

A noção de *recepção* é pensada pelo argentino Horacio Tarcus (2018), que a entendeu como parte constitutiva e inseparável do processo mais amplo de produção e difusão das ideias, em nível global. Na dinâmica de exportação-importação de ideias, participam muitos agentes, operando por muitos meios e em medidas diversas. Analiticamente, com base no papel desempenhado por cada agente no interior deste processo, Tarcus distingue pelo menos quatro momentos, em uma “cadeia” que não é fechada, em que os momentos não se realizam de maneira necessariamente sucessória e com um mesmo agente podendo vir a desempenhar mais de uma função: são os momentos da *produção*, *difusão*, *recepção* e *apropriação* ou *consumo* das ideias.

O momento da produção acontece durante o processo mesmo de produção de um texto ou corpo de ideias, tendo como protagonista os seus “intelectuais conceptivos”, que formulam suas teses dentro de um contexto histórico particular (Tarcus, 2018). O momento da *difusão*, por sua vez, ocorre quando tal corpo de ideias é editado e difundido através de livros,

traduções, periódicos, revistas, cursos, conferências etc. Neste caso, ao mesmo tempo ou não, a difusão pode ser efetuada tanto pelos “intelectuais conceptivos”, como por agentes interessados comercial, cultural e/ou politicamente em fazê-lo, como “[...] editores e coletivos editoriais de periódicos e revistas, tradutores profissionais e divulgadores, ‘publicistas’ e propagandistas, partidos ou movimentos”, que podem assumir determinada teoria e dirigi-la para muitas direções (Tarcus, 2018, p. 36).

Já a *recepção*, do ponto de vista do sujeito receptor, refere-se ao momento da importação de um corpo de ideias para um contexto geográfico e/ou temporal diferente do qual fora originalmente produzido. “É um processo ativo, no qual determinados grupos sociais sentem-se interpelados por uma teoria produzida em outro campo, tentando adaptá-la ao (recepção-la em) seu próprio campo” (Tarcus, 2018, p. 37). Disto decorre que “[...] nenhuma recepção é neutra nem total: todo processo de recepção implica um certo grau de seleção e adequação” (Tarcus, 2018, p. 53). Os meios são também a tradução linguística ou reedição das obras em livros, folhetos, artigos, revistas, jornais, etc. Neste processo, põem-se em evidência uma complexa cadeia de recepção e difusão envolvendo atores e suportes diversos (Tarcus, 2018). Ao mesmo tempo, estão incluídos aqui todo o conjunto das produções que surgem ou podem surgir do corpo de ideias que fora recepcionado.

O momento da *apropriação* ou *consumo* das ideias, por sua vez, é aquele em que um suposto leitor “final”, ao “término da cadeia de circulação”, as consome. Esta distinção, como reforça Tarcus (2018), é analítica, uma vez que, na prática, este é um processo contínuo e também aberto, no sentido de que um suposto leitor final pode eventualmente converter-se em um novo difusor, receptor e mesmo produtor, ao passo que os produtores, difusores e receptores são também consumidores de ideias.

No interior da dinâmica de circulação das ideias é que a metáfora da tradução demonstra sua fecundidade: é utilizada para referir-se aos novos significados que surgem entre a emissão originária e a recepção das ideias noutro contexto, num trabalho que se afastaria da noção de “aplicação esquemática” ou “adaptação mecânica” (Bianchi, 2016). Logo,

[...] a tradução nunca é uma simples transferência nem um consumo passivo de informações produzidas em outro contexto. Implica sempre em uma negociação entre diferentes culturas, um processo no qual o resultado não está necessariamente previsto no original (Bianchi, 2016, p. 9).

Ou seja, a *tradução* é permanência, mas é também renovação. E o “novo que surge” tem origem do confronto entre as formulações originárias e as interpelações que se impõem pela

realidade concreta do novo contexto em que tais ideias são acionadas, num processo que, segundo Cortés (2016, p. 152), remete “[...] à produção de uma *novidade teórica*, evitando exercícios de mera transposição ou aplicação de conceitos já estabelecidos”, ou ainda, noutros termos, à *nacionalização* de uma teoria ou abordagem (Ricupero, 2000).

MARIA ARAGÃO E O PCB: “EU TENHO AMOR POR ESSE PARTIDO”

Maria José Camargo Aragão nasceu no dia 10 de fevereiro de 1910, no povoado de Engenho Central (hoje município de Pindaré-Mirim), localizado no interior do estado do Maranhão. De origem familiar da classe trabalhadora, Maria Aragão foi a terceira dos sete filhos de Emídio Aragão e Rosa Camargo. Sua ascendência familiar é negra, indígena e espanhola. Seus traços, como mulher negra, são de origem de sua família paterna. Formou-se professora em 1926, aos 16 anos, profissão que exerceu por mais de uma década e meia (1926-1942) (Aragão, 1992, 2015; Araújo, 2014; Azevedo, 2016; Leite, 2024).

Em meio a enormes dificuldades financeiras, fome, um aborto a contragosto e a sobrecarga de trabalho, Aragão formou-se médica pela *Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil* em 1942, mesmo ano em que nasceu sua filha, Clarice. Àquela altura, Aragão fora trabalhar como Pediatra no *Hospital General Câmara* (RS), mas o falecimento de Clarice, em 1944, com apenas dois anos de idade, vitimada por um violento surto de disenteria bacilar, a traumatizou profundamente, fazendo-a abandonar definitivamente a área da pediatria e retornar ao Rio de Janeiro (Aragão, 1992, 2015; Araújo, 2014; Azevedo, 2016).

No Rio, especializou-se em Clínica Geral e Ginecologia, passando a atender no *Hospital Miguel Couto*. O hospital atendia, sobretudo, moradores das periferias da cidade. Segundo Aragão (1992, p. 75), “[...] gente do morro, gente da periferia, gente pobre”, muitos militantes ou simpáticos ao movimento comunista. Era 1945, e o Brasil vivia a abertura democrática do pós-*Segunda Guerra*. Muitos comunistas foram libertos do cárcere da *Ditadura Vargas* (1937-1945). Prestes foi um destes. Neste contexto, desde 1943, a linha política adotada pelo PCB era a de uma união nacional em face de um objetivo mais urgente: a luta contra o nazifascismo (Filho, 2007). Foi neste cenário que, em maio de 1945, Aragão, a convite de uma de suas pacientes, foi assistir a um comício em homenagem a Prestes, que ocorreria no estádio São Januário e no qual o mesmo discursaria (Aragão, 1992, 2015).

Do encontro catártico com o Prestes, Aragão saiu decidida: “Vou para o Partido desse homem” (Aragão, 1992, p. 79). E, então, no dia seguinte ao comício, filiou-se ao PCB. Tinha,

à época, 35 anos de idade. Até então, Aragão não havia tido nenhuma preparação político-teórica mais aprofundada sobre marxismo. No seu ato de filiação, uma reunião partidária, apenas lhe fora apresentado o estatuto do partido. “Não tive outra espécie de preparação para entrar no Partido Comunista”, recordou (Aragão, 1992, p. 83).

Destacava-se, naquele momento, por sua disposição para a execução das tarefas partidárias. Nas suas palavras: “Eu devo ter chamado atenção por meu espalhafato, pela paixão com que eu estava fazendo as coisas” (Aragão, 1992, p. 83). Num primeiro momento, foi trabalhar nas “campanhas de finanças”, voltadas para a obtenção de recursos materiais, cruciais para garantir a continuidade das atividades do partido. Ainda 1945, quando houve a necessidade de reorganização do PCB no Maranhão, Aragão propôs o seu nome à direção nacional e encaminhou-se voluntariamente ao estado, tornando-se dirigente daquela seção, encarregada do crucial setor de agitação e propaganda (Azevedo, 2016; Leite, 2024). Sua militância, nos anos posteriores, envolveria uma atuação multifacetada num terreno político bastante conturbado.

Entre 1945 e 1965, pode-se dizer, três foram os contornos mais salientes da vida política maranhense: 1) em sentido mais amplo, as acirradas disputas entre as oligarquias pelo poder político estadual; 2) a presença do pernambucano Vitorino de Brito Freire, construindo e consolidando a hegemonia de sua frente política no poder político do estado até a década de 1960, conformando o que viria a ser chamado de *vitorinismo*; 3) a organização de uma conjugação sociopolítico fluída em oposição ao *vitorinismo*, que reuniu partidos diversos a depender da conjuntura política. A esta frente política, que marcou presença em todas as eleições entre 1950 a 1965, nominou-se de *Oposições Coligadas*.

Neste terreno local, Aragão tinha uma tarefa partidária muito bem definida: “[...] ajudar na reestruturação do partido” (Azevedo, 2011, p. 174). Ou, como definiu a própria, sua tarefa era “[...] levantar o Partido” (Aragão, 2015, p. 81). Em terras maranhenses, porém, o PCB estava fragmentado e enfraquecido, política e economicamente. Seus quadros eram majoritariamente “velhos comunistas”, muitos operários, ex-presos políticos da ditadura Vargas, que haviam cumprido pena na *Ilha Grande*. Quando voltaram ao Maranhão, “[...] viram-se sem emprego, na miséria, sem condições de recomeçar a vida” (Aragão, 1992, p. 84). Ainda que o PCB tivesse conquistado a legalidade, estes militantes, conhecendo as dores da vida clandestina e receando novas retaliações futuras, atuavam agora de maneira mais cautelosa (Aragão, 1992, 2015; Azevedo, 2016; Leite, 2024).

Aragão, ao contrário, exercia abertamente sua militância política, engajamento que lhe trouxera dificuldades internas e externas ao partido. Ainda assim, a despeito dos conflitos intrapartidários, à época, compreendia ser esta a melhor maneira de trabalhar pela reconstrução do partido (Aragão, 1992, 2015). Nas suas palavras,

Eu era na verdade uma agitadora nata. Nada mais do que isso. Aprendi apenas o lado prático e foi na prática que me lancei à reconstrução do partido no Maranhão. Exclusivamente através da agitação e propaganda. Foram inúmeros os comícios relâmpagos em portas de fábricas⁴ [...] (Azevedo, 2011, p. 175 apud Aragão, 1988, p. 6).

Mais tarde, Aragão enxergaria certo equívoco em sua postura, em querer que seus companheiros trabalhassem na legalidade: “Era um erro querer arrastá-los para fazer aquilo que não podiam fazer e eles tinham razão” (Aragão, 2015, p. 83). De todo modo, era ela própria quem tomava a dianteira das atividades partidárias, com os comícios e a propaganda nas portas das fábricas e nas praças do centro de São Luís e a venda de exemplares dos principais jornais e livros produzidos e distribuídos pelo PCB (Aragão, 1992). Conforme relatou a própria Aragão: “[...] vendia os jornais que vinham do Rio, vendia os livros que apareciam, os livros da Editora Vitória, vendia a ‘Voz Operária’ que era ilegal mas eu vendia, ia para a porta das fábricas, discutia com os operários” (Aragão, 1992, p. 86).

A venda deste material, incluído o jornal *Imprensa Popular*, suporte de difusão das ideias marxistas do PCB no Maranhão, fora efetuada em fluxo contínuo e durante muitos anos por Aragão (atuação que ultrapassa, inclusive, o nosso recorte de pesquisa, tendo também atuado, posteriormente, como distribuidora do *Voz da Unidade*)⁵ (Aragão, 1992). Meses após seu retorno ao Maranhão, nas eleições de dezembro de 1945 para a Assembleia Nacional Constituinte, a dirigente pecebista maranhense chegou a sair candidata pelo PCB a deputada federal pelo Maranhão. Outros militantes do partido também se candidataram. Num cenário

⁴ Neste período, estava em atividade no Maranhão um pequeno parque industrial, dedicado, em sua maioria, ao ramo da indústria têxtil, principalmente de fiação e tecelagem. Surgido na virada do século XIX para o XX, entre as décadas de 1940 e 1960, embora já obsoleto, esse parque industrial permanecia definindo importantes contornos ao mundo do trabalho nas cidades de São Luís e em Caxias (Pflueger, Santos, 2019). Em São Luís, eram seis as fábricas em atividade e que eram visitadas para agitação e propaganda por Maria Aragão e pelos demais militantes pecebistas na cidade.

⁵ Documentos acessados por Pinto (2022), extraídos do Processo de Prisão de Maria Aragão pela *Ditadura civil-militar* (1964-1985), contribuem para demonstrar o que afirmamos. Em julho de 1956, os documentos registram que 780 exemplares do *Imprensa Popular* fora remessada à Aragão, configurando um débito 1.542,00 Cr\$. Naquele momento, esse valor, somado ao das remessas de jornais enviadas anteriormente, totalizava um débito de 24.233,90 Cr\$. Da mesma maneira, em setembro de 1963, a *Editora Vitória* enviara à Aragão outra remessa de seus livros: eram 20 exemplares do livro “*As divergências no movimento comunista Mundial*”. O envio foi feito *sem qualquer pedido* seu. Contavam, dizia o documento, com a colaboração ativa de Aragão para divulgação e venda do novo material em circulação.

onde Aragão obteve apenas 22 votos⁶ e nenhum dos outros candidatos do partido foi eleito, o resultado pouco animador apenas demonstrava a necessidade de organizar e fortalecer o partido no estado, tarefa colossal à qual Aragão continuaria a se dedicar (Leite, 2024).

Além dos jornais e os livros do PCB, outro veículo de difusão das ideias marxistas-pecebistas seria crucial para a circulação destas ideias no Maranhão, para reorganização e o fortalecimento do partido e para o êxito das lutas dos trabalhadores. Em 1945, como tarefa partidária, Aragão fundou o jornal *Tribuna do Povo* (1945-1962) (Azevedo, 2016). Semanário, a *Tribuna* foi “[...] órgão de imprensa do PCB no Maranhão” e atuou como “[...] o canal oficial de comunicação do partido” (Leite, 2024, p. 24). Sua redação ficava localizada no centro de São Luís, cidade em que mais circulava, embora, entre 1945 e 1955, tenha circulado também, ainda que em menor medida, em pelo menos outros 13 municípios do interior do Maranhão, através das ramificações do PCB e dos simpatizantes do jornal (Aragão, 1992; Leite, 2024).

O jornal circulava geralmente com quatro ou seis páginas, composição que, em algumas ocasiões, teria chegado a oito e até 12 páginas (Leite, 2024). Com uma tiragem semanal que, segundo Aragão, girava “[...] em torno de 2.000 a 3.000 exemplares” (Aragão, 1992, p. 129), número que teria chegado, em alguns momentos, a aproximadamente 5.000 (Aragão, 2015), seu principal público leitor eram os trabalhadores maranhenses, da cidade e do campo, e os próprios militantes do partido (Leite, 2024).

À frente da *Tribuna* por 16 dos 17 anos de existência do jornal, Maria Aragão atuou como diretora, repórter, principal redatora e distribuidora (Aragão, 1992, 2015; Azevedo, 2016; Leite, 2024). É o que atesta, em depoimento à Azevedo (2016), William Moreira Lima, que, ao lado de Aragão, foi também dirigente da seção do PCB no Maranhão. Ao referir-se à atuação da dirigente comunista maranhense à frente da *Tribuna*, Moreira Lima assegurou que “[...] o jornal era ela, que além de ser diretora, arrecadava os recursos, era sua principal redatora e distribuidora” (William Moreira Lima, 2016 apud Azevedo, 2016, p. 150). Embora tenha contado com o trabalho fundamental de outros companheiros, Aragão teria sido a protagonista intelectual e política do jornal, ocupando o lugar de principal responsável pela execução das atividades que o envolviam: atenta as determinações do partido, regido pelo centralismo democrático, foi a responsável pela definição e gerenciando da linha editorial

⁶ Como sugerimos em Leite (2024), o baixo sufrágio em Aragão pode ser explicado pela confluência de ao menos dois fatores: 1) devido a Aragão ser figura nova nas fileiras do PCB, não reunindo, ainda, prestígio político suficiente entre os militantes e os simpatizantes do partido; 2) em decorrência do partido ter lançado vários candidatos à mesma vaga no Maranhão: além de Aragão, outros sete candidataram-se.

do jornal, a elaboração do material publicado propriamente dito e as “campanhas de finanças” (Leite, 2024).

Na definição de Aragão, a *Tribuna* era “[...] um jornal combativo e respeitado” (Aragão, 1992, p. 127), um “[...] instrumento muito interessante para divulgar nossas ideias” (Aragão, 2015, p. 130). Segundo Leite (2024), entre 1945 e 1955, no Maranhão, a *Tribuna* foi o principal suporte de recepção e difusão das ideias marxistas defendidas pelo PCB, de matriz terceiro-internacionalista, publicando todos os documentos político-programáticos do partido, como programas, resoluções, informes, manifestos, entrevistas de Prestes, etc.⁷, bem como parte da bibliografia que orbitava a cultura pecebista daqueles anos⁸. Mas o jornal ia além disso. Fincado “no chão” do mundo do trabalho maranhense, em seu conteúdo, sem abrir mão das categoriais operacionais e das leituras do PCB como prisma interpretativo mais amplo, ainda que isso nem sempre tenha transparecido em todas as suas publicações, a *Tribuna* veiculava denúncias, notícias e análises políticas sobre a vida sociopolítica maranhense, brasileira e internacional (Leite, 2024).

A elaboração de suas publicações tinha “dois centros de produção” (Azevedo, 2016; Leite, 2024). Uma parte, geralmente abordando e/ou analisando mais profundamente o cenário sociopolítico nacional e internacional, tinha como fonte Prestes, Secretário-Geral do PCB, e a direção nacional do partido. Ao mesmo tempo, reportagens transcritas do *Imprensa Popular*, do *Voz Operária* e da *Revista Problemas* também eram republicadas. A divulgação dos jornais do PCB era feita de maneira recorrente nas páginas da *Tribuna* e exemplares da *Voz Operária* e da *Revista Problemas* podiam ser adquiridos em sua redação ou no contato direto com Aragão (Leite, 2024). Segundo Azevedo (2016), todo esse material “de fora” era trazido ao Maranhão por um membro da direção nacional, que vinha frequentemente ao estado trazê-lo para ser publicado.

Outra parte do conteúdo publicado pela *Tribuna*, operando com o vocabulário e seus significados correntes na cultura pecebista de então, geralmente, mas não exclusivamente, abordando aspectos da dinâmica sociopolítica maranhense, provinha das atividades

⁷ Em Leite (2024) identificamos que, entre 1945 e 1955, o programa do PCB foi integralmente publicado pelo menos doze vezes pela *Tribuna*. Além disso, na edição de nº 146, o jornal circulou também com o projeto de estatuto do PCB. E, em sua edição de nº 194, o jornal ganhou às ruas com material suplementar, contendo o “Informe de Balanço do Comitê Central do PCB ao Quarto Congresso do Partido Comunista do Brasil”, assinado por Prestes. Isto sem falar das recorrentes publicações de trechos do programa do partido, numa operação que, no período de recorte daquela nossa investigação, atravessa toda a experiência do jornal.

⁸ Em Leite (2024) identificamos que, entre 1945 e 1955, foram divulgados e na *Tribuna* livros como *Problemas Econômicos do Socialismo na URSS*, de Stálin; *Que Fazer?*, *Um passo adiante, dois passos atrás*, *O imperialismo, fase superior do capitalismo* e *O Estado e Revolução*, de Lênin; *O homem de verdade*, de Boris Plevói; *Polônia 1939*, de Victor Grosz; e *Educação na URSS*, de Paschoal Lemme.

autônomas da própria redação do jornal. Poucas vezes assinadas nominalmente – devido a própria proposta coletiva do jornal –, esta parte resultava do contato cotidiano de seus integrantes com “o chão” do mundo do trabalho em São Luís, nas portas das fábricas, nos sindicatos, no centro e nos bairros populares da cidade, seguindo uma dinâmica em que Aragão, como citado anteriormente, teria sido a protagonista. Na capital, a dirigente pecebista ia para as portas das fábricas vender jornais e dialogar com os trabalhadores, acompanhando, de perto, os seus problemas e demandas mais urgentes. Coletava novas denúncias, tecia orientações e organizava para que o novo material fosse publicado nas próximas edições da *Tribuna* (Aragão, 1992, 2015; Leite, 2024).

No interior do estado, as matérias do jornal comunista maranhense eram fruto do contato com os trabalhadores nos municípios e povoados, para onde Aragão viajava frequentemente e de onde as bases do PCB e os simpatizantes do jornal enviavam suas denúncias, muitas sobre conflitos agrários (Leite, 2024). As viagens feitas por Aragão tinham por finalidade prestar assistência política às bases do partido, entre as quais destacavam-se, na segunda metade da década de 1940, as dos municípios de “Pedreiras, Bacabal, Itapecuru, Pirapemas, Carolina” (Aragão, 1992, p. 117). Este trabalho, explicou Aragão, “[...] consistia basicamente em distribuir o jornal, que veiculava as denúncias colhidas nesses lugares e dar assistência, ou seja, ajudar, discutir, levar tarefas e cobrar a execução” (Aragão, 1992, p. 117).

Executando estas tarefas, no auge da legalidade do PCB, em 1946, Aragão estivera nos municípios de Itapecuru, Bacabal, Pedreiras, Pirapemas, Peritoró, Carolina, Codó, Coroatá e Caxias (Aragão, 1992, 2015; Araújo, 2012; Azevedo, 2016). Obviamente, num estado dominado pelo latifúndio e pela grilagem de terras, além de todo anticomunismo que prevalecia, tais viagens eram extremamente perigosas. Em Pedreiras, ao visitar o povoado Insone, à época de difícil acesso, Aragão, que falava em reforma agrária, no programa do PCB, em melhorias em áreas como educação e saúde, quase foi assassinada por pistoleiros (Aragão, 1992; Editora Expressão Popular, Escola Nacional Florestan Fernandes, 2014).

A partir desta dinâmica de funcionamento, ganharam as páginas da *Tribuna* inúmeras denúncias de opressões, violências e descasos praticados contra os trabalhadores no Maranhão (Aragão, 1992, 2015; Azevedo, 2016; Leite, 2024). Dentre as orientações feitas pelo *Tribuna* aos seus leitores, como medidas de enfretamento e, por vezes, de solução para os problemas vivenciados pelos trabalhadores maranhenses, da cidade e do campo, em mais de uma vez e abordando casos diversos, fora frisada a necessidade de organização e unidade políticas dos

trabalhadores, bem como indicadas as propostas de transformação e melhorias previstas nos programas revolucionários do PCB, transcritas diretamente destes⁹ (Leite, 2024).

Desta maneira, sob a liderança de Maria Aragão, o jornal do PCB no Maranhão inteirou-se, à sua maneira, da complexa rede de circulação das ideias marxistas no Brasil: recepcionou, apropriou-se e difundiu as teses pecebistas sobre o país e o cenário internacional. Do ponto de vista metodológico das abordagens da *circulação* e da *tradução*, é possível dizer que a *Tribuna* teve mais um papel de recepção e difusão das teses do PCB do que de formulação de *teoria nova*, fato que não lhe implica inferioridade valorativa de qualquer tipo, tendo a *Tribuna* trabalhado exatamente naqueles que eram os seus objetivos, entre os quais: estabelecer e permanecer em contato com os trabalhadores; denunciar as opressões praticadas contra os trabalhadores e ser canal para expressão de suas demandas; fomentar a organização política entre os trabalhadores; difundir as teses do PCB, arregimentando novos militantes para as fileiras do partido e para os seus projetos revolucionários; e, no todo, influir sob os rumos da dinâmica sociopolítica local e nacional (Leite, 2024).

Outra tarefa central para as atividades do PCB no Maranhão foram as “campanhas de finanças”, nas quais Aragão ocupou também o núcleo central (Leite, 2024). Como já mencionamos, a situação financeira do partido fora sempre muito difícil. Os recursos eram esparsos e era necessária muita ação para reunir o montante necessário. Como frisou Aragão, para “[...] se ter dinheiro se fazia festa, se fazia rifa, íamos procurar pessoas amigas. Tínhamos contribuição de amigos” (Aragão, 2015, p. 142), afinal, havia “[...] os amigos, o círculo de amigos, o que colaboravam... um dava vinte cruzeiros, outros trinta, outros não sei o que, era assim [...]” (Aragão, 2015, p. 143).

Em sua análise, Silva (2017) sugere que Aragão era munida de recursos materiais e simbólicos importantes para o êxito nestas atividades. Sua ampla rede de relações pessoais, construída através de sua atuação como professora, mas, principalmente, durante sua graduação em medicina e no exercício de sua profissão como médica em São Luís, a teria feito fruir de relativo bom trânsito entre figuras pertencentes a estratos sociais tradicionalmente ocupados pelas classes dominantes no Maranhão, como o meio médico e mesmo o industrial. Como “médica comunista”, maneira como gostava de se apresentar, Aragão atendia, principalmente, a população pobre de São Luís, cobrando, muitas vezes,

⁹ Para informações mais detalhadas sobre a metodologia de ação política pela escrita adotada pela *Tribuna* ver capítulo 3, *A Tribuna do Povo, o PCB e a circulação das ideias comunistas no Maranhão*, da Dissertação de Leite (2024).

apenas valores simbólicos. Mas, como uma das poucas Ginecologistas atuantes no estado, atendeu também esposas e filhas de figuras de destaque no meio político e social ludovicense.

Com Aragão à frente, havia também as festas organizadas pelo PCB, realizadas no sítio “Ibitupan”, local de propriedade de William Moreira Lima. O local era utilizado como ponto de encontro para atividades mais amplas dos comunistas no estado (Aragão, 1992, 2015; Azevedo, 2016; Leite, 2024). As festas eram amplamente anunciadas na *Tribuna* e os ingressos podiam ser adquiridos, mediante compra, na redação do jornal ou através da militância do partido (Leite, 2024). Ademais, ainda no que se refere à atuação de Maria Aragão como núcleo das atividades de finanças do partido no Maranhão, Simone, uma das filhas de Aragão, lembrou que era habitual de sua mãe, no início dos anos, adquirir joias à prestação para serem rifadas ao final de cada ano. As rifas eram vendidas aos amigos e simpatizantes do partido (Silva, 2017).

Importante pontuar que, embora os recursos materiais e simbólicos reunidos por Aragão tenham sido utilizados em benefício do partido – Simone menciona que a própria casa de sua mãe, em mais de uma oportunidade, fora utilizada para as reuniões partidárias (Silva, 2017) –, o inverso jamais ocorreu. Como ressaltou a diretora da *Tribuna*: “[...] nunca fui funcionária do Partido, nunca aceitei nenhum pagamento do Partido, até porque era eu quem vivia na rua arranjando dinheiro” (Aragão, 1992, p. 144). O que Aragão tinha era “[...] *amor por esse Partido*” (Aragão, 2015, p. 146), afirmação feita pela própria dirigente pecebista maranhense quando narrou uma de suas muitas ações de “finanças”, num cenário em que não se tinha dinheiro nem para o aluguel da sede do partido, tampouco para o pagamento do papel para a *Tribuna* e a mesma foi conseguir o dinheiro com o dono de uma das principais fábricas de São Luís (Aragão, 1992, 2015).

Ao longo de toda a década de 1950, Aragão permaneceu executando abertamente as atividades partidárias, mesmo com o PCB na ilegalidade desde 1947, cuja cassação de seu registro e dos mandatos eleitos pelo partido o levou a radicalizar-se em seu programa político-programático, defendendo a derrubada imediata do regime estabelecido no Brasil (Filho, 2007). Aragão seguiu trabalhando para inserir a si e ao partido no conjunto das lutas políticas travadas no Maranhão e no país (Leite, 2024). E, assim, o partido foi ganhando novos filiados no estado. Segundo Aragão: “[...] o Partido ia crescendo, logo chegamos a ter 2.000 companheiros aqui no Maranhão, incluindo o interior” (Aragão, 1992, p. 86).

Em 1954, figurando já como principal liderança comunista no Maranhão, o PCB pretendeu lançá-la como candidata a deputada estadual. À época, a *Tribuna* assim a definiu e a seu programa:

Dr^a. Maria José Aragão, médica e jornalista, cuja vida tem sido toda ela um exemplo de dedicação à classe operária e ao povo, defenderá na Câmara Estadual o programa de salvação nacional, o programa de paz e felicidade, o Programa do Partido Comunista do Brasil (*Tribuna do Povo*, edição n° 175, 31 de julho de 1954, p. 1).

Sua candidatura, pode-se dizer, era parte de uma leitura e um movimento mais amplo do partido. Segundo Filho (2007), àquela altura, embora o PCB preservasse seu conteúdo programático radicalizado, o partido trabalhava por sua reinserção prática na vida sociopolítica do país, orientando a participação ativa de suas organizações e militantes nos movimentos sindicais e nas campanhas eleitorais. A determinação do Comitê Central, para todos os efeitos, em vigor desde 1954, valia para os âmbitos nacional, estadual e municipal. Nas eleições de 1954, Aragão, porém, como outros comunistas, fora censurada de concorrer ao pleito. E não só porque o PCB estava com seu registro cassado. O plano era valer-se de alguma outra sigla para viabilizar a candidatura. No entanto, conforme explicou à época a *Tribuna* em *Carta Aberta*¹⁰, o impedimento ocorreu porque a dominação do imperialismo norte-americano no Brasil era tamanha e sufocava as liberdades democráticas de maneira tal que teria conseguido arrancar do Senado um projeto de Emenda Parlamentar, e do TSE, uma Instrução, que exigia dos candidatos um “atestado de ideologia”, impedindo o registro dos candidatos comunistas ainda que por outros partidos (*Tribuna do Povo*, edição n° 183, 30 de setembro de 1954, p. 1).

Diante disto, naquela ocasião, os planos do partido e de Aragão não se concretizaram. Isto, contudo, esteve longe de significar qualquer inércia política dos comunistas maranhenses, e de Aragão, em particular, que a par das teses e, em particular, das orientações traçadas nos informes de Prestes e nas resoluções do PCB para as disputas eleitorais, trabalhou para difundir-las e aplicá-las concretamente no Maranhão. Nas eleições de 1955, em um contexto de lutas contra o *vitórinismo*, no plano local, e contra as forças golpistas do governo Café Filho, no plano nacional, Aragão e os comunistas maranhenses engajaram-se sobretudo em três campanhas: 1) a luta contra a candidatura de Assis Chateaubriand para o Senado pelo Maranhão, enfileirado ao *vitórinismo* e interpretado como um “agente do imperialismo norte-americano”; 2) a campanha de frente única para eleger os candidatos das

¹⁰ “Carta Aberta”. (*Tribuna do Povo*, edição n° 183, 30 de setembro de 1954, p. 1 e 2).

Oposições, Cunha Machado e Colares Moreira, para governador e vice-governador do Maranhão; 3) a campanha de frente única para eleger Kubitscheck e Goulart para presidente e vice-presidente do Brasil (Leite, 2024).

Em todas estas campanhas, Aragão e seus companheiros de partido tomaram como fundamento de ação política as orientações de Prestes e da direção nacional do partido, fato que pode ser verificado através das muitas publicações saídas na *Tribuna* sobre o tema¹¹. Deste período, três são os artigos assinados nominalmente por Maria Aragão e que demonstram o que afirmamos: 1) *Continuar a luta contra o entreguista*, publicado na *Tribuna* em sua edição nº 205, de 12 de março de 1955 num contexto de forte ofensiva contra Chateaubriand; 2) *Voto, um direito e um dever*, publicado na *Tribuna* em sua edição nº 209, de 26 de março de 1955. No texto, publicado logo após a vitória eleitoral de Chateaubriand, Aragão faz uma contundente defesa ao direito de voto e uma forte crítica ao grande número de abstenções registrado naquele pleito; 3) *A justa posição dos comunistas*, publicado na *Tribuna* em sua edição nº 246, de 17 de setembro de 1955, texto em que Aragão faz estrita defesa das posições tomadas pela Comitê Central e pelo Comitê Regional do PCB diante das lutas eleitorais nacional e estadual (Leite, 2024).

A partir de 1956, com as denúncias sobre o “culto à personalidade” de Stálin feitas por Nikita Khrushchov no XX Congresso da PCUS, abriram-se muitos conflitos internos ao PCB, cujos desdobramentos refletiram-se também no Maranhão. O partido enfraqueceu e, em se tratando da *Tribuna*, a maior parte dos companheiros “cruzou os braços”. Aragão, contra a tendência de fechamento de jornais comunistas, teria se negado a fechar a *Tribuna* e seguido na direção do jornal até 1961, ano em que viajou para a União Soviética para participar de cursos de formação política. A viagem foi um uma indicação do Comitê Central do partido, que Aragão, por sinal, julgou tardia (Aragão, 1992, 2015; Azevedo 2016). De todo modo, cedo ou tarde, se, por um lado, a viagem selou o destino do jornal em que Aragão trabalhou apaixonadamente por tanto tempo, por outro, para dirigente pecebista, era o início da aurora de uma nova fase em sua trajetória política.

¹¹ Em Leite (2024) há um tópico específico onde este aspecto é abordada mais profundamente. A partir de pesquisa documental, de um universo de manifestação mais amplo, foram identificadas ao menos 33 publicações – e aqui é válido lembrar que a *Tribuna* era um semanário – em que os comunistas maranhenses buscaram influir, também através da escrita, nas lutas político-eleitorais do ano de 1955.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, nos parece procedente o argumento central deste trabalho de que Maria Aragão, ao integrar de maneira protagonista e decisiva as atividades fundamentais do PCB no Maranhão entre 1945 e 1955, apropriando-se das teses e das orientações traçadas nas resoluções partidárias e buscando aplicá-las concretamente na realidade maranhense, teria se constituído como uma agente central da recepção, apropriação e difusão das ideias marxistas no Maranhão naquele período.

Entre 1945 e 1955, como vimos, Aragão protagonizou muitas atividades políticas: 1) a direção da seção do PCB no Maranhão; 2) a fundação, direção, elaboração e venda do jornal *Tribuna do Povo* (1945-1962), órgão de imprensa do partido no Maranhão; 3) a distribuição do *Voz Operária*, do *Imprensa Popular*, da *Revista Problemas* e de livros da *Editora Vitória*; 4) as atividades de agitação nas portas das fábricas de São Luís, além dos muitos encontros para discussão política com os trabalhadores, da cidade e do campo, na capital e no interior maranhense; 5) a busca por uma inserção ativa, sua e do partido, nas lutas eleitorais, chegando a candidatar-se à cargo político; 6) a elaboração e execução das “campanhas das finanças”.

Aos poucos e no conjunto destas atividades, Maria Aragão passou a ocupar o nucléolo das atividades do partido no estado, constituindo-se como agente central nos processos de recepção, apropriação e difusão das ideias marxistas no Maranhão. Tal compreensão permite enxergá-la não apenas como parte integrante da história da circulação das ideias marxistas no Maranhão e no Brasil, mas como parte decisiva, no sentido de que sua contribuição no bojo deste processo foi considerável e singular. Isto posto, interessante seria, às pesquisas futuras, a busca por outros textos e depoimentos de sua autoria, compondo um acervo que nos permitisse inquirições no sentido da apreensão de seu pensamento político. Tal investigação, se realizada, poderia começar por um mergulho mais acurado no acervo da *Tribuna* referente aos anos de 1958 e 1959, cujas edições carecem de exame mais aprofundado.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria. Depoimento autobiográfico. In.: FRANCISCO, Antonio (Org.). **A razão de uma vida** (Depoimentos de Maria Aragão colhidos por Antonio Francisco). São Luís: SIOM, 1992.

ARAGÃO, Maria. **Depoimento autobiográfico**. In.: NETO, Euclides Moreira (Org.). Maria por Maria ou a Saga da Besta-Fera nos Porões do Cárcere e da Ditadura. São Luís: Engenho, 2015.

ARAÚJO, Márcia. **Maria Aragão: uma trajetória em busca de uma sociedade igualitária**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, f. 320. 2012.

AZEVEDO, Emílio. **Uma subversiva no fio da história**. São Luís: Vias de Fato, 2016.

BIANCHI, Alvaro. **Circulação e tradução: para uma história global do pensamento político**. X Encontro da ABPC. Belo Horizonte: 2016, p. 1-17.

CORTÉS, Martín. José Aricó: traducir el marxismo em América Latina. In: **revista Nueva Sociedad**, nº 262, p. 147-156, marzo-abril de 2016.

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR, ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **Maria Aragão e a organização popular**. São Paulo: Editora Expressão Popular e Escola Nacional Florestan Fernandes, 2014.

FILHO, Daniel Aarão Reis. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In: Filho, Daniel Aarão Reis e Ridenti, Marcelo (Orgs), **História do Marxismo no Brasil**: volume V: partidos e organizações dos anos 20 aos 60. São Paulo: Editora Unicamp, 2002.

GÓES, C.; BIANCHI, A. Circulación y traducción del pensamiento político: intercambios, producción y hegemonía. In: Res Pública. **Revista de Historia de las Ideas Políticas** 26(3), p. 217-226, 2023.

LEITE, Pedro Henrique Fernandes. **A Tribuna do Povo, Maria Aragão e o PCB: recepção e difusão das ideias comunistas no Maranhão entre 1945 e 1955**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional) – Universidade Estadual do Maranhão. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, São Luís, 248 f. 2024.

PFLUEGER, Anna Karla de Almeida dos Santos; SANTOS, Grete Soares. Modernidades Industriais no Maranhão. In: **Labor & Eng**, vol.13, p.1-10, 2019.

PINTO, Rosyjane Paula Farias. **Maria Aragão: a trajetória política de uma médica e militante comunista no Brasil do século XX**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 224f, 2022.

RICUPERO, Bernardo. **Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2000.

SILVA, Marcelo Fontenelle. **A besta fera vai ao paraíso: uma análise da construção da memória e identidade pública da médica e comunista maranhense Maria Aragão**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas. São Luís, f. 208. 2017.

TARCUS, Horário. A história intelectual e a problemática da recepção: Marx na Argentina. (Tradução de Luccas Eduardo Maldonado. Revisão de José Renato Margarido Galvão). In: **Revista Outubro**, nº 30, p. 21-76, maio de 2018.